



DESCRIÇÃO DO ACENTO SEGUNDO AS PRINCIPAIS ESCOLAS FONOLÓGICAS MODERNAS

STRESS DESCRIPTION ACORDING TO THE MAIN MODERN PHONOLOGICAL SCHOOLS

Gilson Chicon Alves¹

RESUMO

O fenômeno que nos propomos a analisar neste trabalho é o acento que, segundo Câmara Júnior (1970, p. 63), se caracteriza como “uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas”. O objetivo geral deste trabalho é apresentar ao leitor um panorama acerca das descrições do acento fonológico segundo o aparato teórico das principais escolas fonológicas modernas e a aplicação deste ao português brasileiro (PB). Para alcançar esse objetivo, desenvolvemos um trabalho bibliográfico e descritivo baseado em dados previamente levantados pelos diversos estudos já existentes no Brasil e no mundo. Nossas considerações finais apontam para a necessidade de prosseguir com os estudos referentes ao acento e assim aumentar o conhecimento acerca desse fenômeno.

Palavras-chave: Acento. Descrição. Escolas fonológicas.

ABSTRACT

The phenomenon that we propose to analyze in this work is the word stress, according to Câmara Júnior (1970, p. 63), it is characterized as “a greater inspiration power, or the emission intensity, of the vowel of a syllable in contrast with other vowels”. The general objective of this work is to present to reader an overview involving phonological word stress descriptions according to the theoretical reference of the

¹ Possui mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2012). Atualmente é professor adjunto 4 da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística, fonologia, português, descrição e linguística textual. E-mail: gilsonalves@uern.br

main modern phonological schools and its application to Brazilian Portuguese (BP). To achieve this aim, we developed a bibliographic and descriptive paper based on previously collected data by the various existing studies in Brazil and the world. Our final considerations point to need to continue with reference studies about stress and thus increase knowledge about this phenomenon.

Keywords: Stress. Description. Phonological schools.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno que nos propomos a analisar neste trabalho é o acento – mais particularmente o acento do português brasileiro (doravante PB) – que, segundo Câmara Júnior (1970, p. 63), se caracteriza como “uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas”.

A concepção da função contrastiva do acento de Câmara Júnior (1970) é sucedida, na linha do tempo, pela teoria do acento elaborada por Garde (1972), que é a primeira tentativa de descrever e classificar os padrões acentuais das línguas naturais de forma a prover fundamentos para uma ciência do acento ou acentologia.

No que tange ao estudo do acento do PB, é um consenso entre os estudiosos o fato de este incidir sobre as três últimas sílabas: Câmara Júnior (1970) foi o primeiro a afirmar que o acento é distintivo e, conseqüentemente, imprevisível. A partir dele, autores como Bisol (1992a; 1994), Lee (1995) e Massini-Cagliari (1995), por exemplo, têm apresentado propostas de análise a fim de refutar a hipótese da imprevisibilidade do acento em PB.

Apesar de já haver um considerável número de trabalhos abordando o padrão do acento primário do PB, o assunto é de extraordinária complexidade, a ponto de não haver resultado consensual entre os estudiosos. Há pesquisadores que utilizam o aparato teórico da Fonologia Métrica para afirmar que o acento do português brasileiro se enquadra no molde trocaico, como Bisol (1992a), e Massini-Cagliari (1995) por exemplo.

Há outros autores, como Lee (1995), que se utilizam da Fonologia Métrica e também da Fonologia Lexical para afirmar que o acento é de natureza morfológica.

Contudo, como os próprios autores reconhecem, as teorias fonológicas não conseguem explicar satisfatoriamente a complexidade do nosso padrão acentual – na verdade, muitas das explicações de que os autores lançam mão são construtos teóricos que ainda carecem de comprovação prática (como afirmam por exemplo, MAGALHÃES, 2004; FERREIRA NETO, 2001, 2007).

Diferentemente de outras línguas como o latim (em que o acento incide na penúltima ou na última sílaba), o tcheco (em que o acento só pode cair na primeira sílaba), o francês (em que o acento é oxítono), o sistema acentual do PB é livre. Sendo livre, não há obrigatoriedade de as palavras se enquadrarem em algum tipo de padrão acentual, como as paroxítonas, que são a grande maioria em PB – muitas palavras paroxítonas se tornam oxítonas ou proparoxítonas.

Ao longo da história, na passagem do latim vulgar para o português, há registro de várias palavras latinas que possuíam o padrão paroxítono – o preferido daquela língua – e se converteram em um padrão diferente deste, como por exemplo ‘mala > má, pan’tanu > pântano.

O objetivo geral desta pesquisa bibliográfica e descritiva é apresentar ao leitor um panorama acerca das descrições do acento fonológico segundo o aparato teórico das principais escolas fonológicas modernas; assim sendo, traremos à baila o pensamento dos principais representantes de cada uma destas, bem como sua contribuição.

Neste trabalho, assumimos o conceito de variação em que todas as formas variáveis se encontram no léxico, tal como postulado por van Oostendorp (2005). Adotamos esse conceito porque, em algum momento, as principais propostas de análise do acento do PB (cf. BISOL, 1992b; LEE, 1995; MASSINI- CAGLIARI, 1995) apelam para a variação a fim de argumentar que formas marcadas como *homem* – se realizam no português não-padrão como formas não-marcadas como *homi*.

2 O ACENTO SEGUNDO AS ABORDAGENS MODERNAS

Nesta seção, vamos dissertar sobre as hipóteses formuladas sobre o acento, as suas propriedades e, em seguida, as contribuições de cada escola fonológica moderna para a ampliação do conhecimento desse fenômeno linguístico.

2.1 As hipóteses do acento

Há 3 hipóteses pelas quais os estudos do acento são orientados nos tempos modernos: a hipótese do acento livre, primeiro defendida por Camara Júnior (1970), e as hipóteses do molde trocaico e do acento morfológico, sendo essas últimas formuladas no âmbito do gerativismo e cujas análises pressupõem a previsibilidade do acento. Vejamos cada uma:

a) A hipótese do acento livre:

Como o nome indica, sugere que o acento possa cair livremente sobre uma das três últimas sílabas das palavras do português brasileiro. A tese de que o acento primário em português é definido lexicalmente foi primeiro defendida por Camara Júnior (1970), que se baseia nas idéias estruturalistas de Trubetzkoy (1970 [1939]). Segundo Câmara Júnior (1970), uma vez que o acento é definido lexicalmente, não é possível prever em que sílaba ele cairá e nem definir qualquer tipo de regra para a sua atribuição.

Ao longo dos anos, o modelo estruturalista de Câmara Júnior (1970) foi abandonado e outras propostas de análise do acento foram desenvolvidas, como por exemplo a de Bisol (1992a) e a de Lee (1995), baseadas em modelos métricos. Contudo, a hipótese do acento livre ainda sobrevive, mas sob a orientação de pressupostos de modelos teóricos modernos.

b) A hipótese do molde trocaico:

No momento, é a que possui mais adeptos. Desde o início do século XX, Michaelis de Vasconcelos (s/d [1911]) introduziu a idéia de que o ritmo trocaico da língua portuguesa seja uma continuação do padrão rítmico latino.

Segundo essa concepção, o acento é atraído pelo peso silábico e pode incidir sobre uma das três últimas sílabas, preferentemente por rima ramificada. Por outro lado, se não há sílabas pesadas, então o acento repousa sobre a penúltima sílaba. Para os seguidores dessa hipótese, o grande problema consiste em explicar o padrão proparoxítono, palavras que recebem o acento na penúltima sílaba do radical. Para solucionar esse problema, autores como Bisol (1992a) e Massini-Cagliari (1995) utilizam a extrametricidade.

c) A hipótese do acento morfológico:

De acordo com essa orientação, a estrutura morfológica da palavra é o fator mais importante para a atribuição do acento. Assim sendo, o acento é atraído pela última vogal do radical, ficando de fora a vogal temática.

Tal como a hipótese do molde trocaico, os adeptos do acento morfológico (LEE, 1995; MATEUS, 1982) também se deparam com as dificuldades em explicar as palavras proparoxítonas não derivadas, uma vez que esse padrão acentual não possui regras. A solução encontrada por Lee (1995), que é o principal representante dessa linha de raciocínio para o PB, é o recurso à extrametricidade.

2.2 As Propriedades do Acento

Câmara Júnior (1970) propõe a hipótese do acento livre para o português brasileiro e atribui-lhe algumas propriedades ou funções baseado em Trubetzkoy (1970), como a função culminativa, a demarcativa e a distintiva.

A propriedade culminativa se caracteriza pelo fato de o vocábulo possuir um único acento que se localiza em uma sílaba cuja saliência sobressai sobre as demais. Assim sendo, uma palavra como *paralelepípedo*, por exemplo, possui uma sílaba saliente que a distingue das outras 6.

A função demarcativa, como o nome já sugere, permite que o ouvinte seja capaz de discernir onde começa e onde termina um vocábulo pertencente a uma determinada cadeia sonora da fala. Segundo Câmara Júnior (1970, p. 65), um recurso utilizado para a efetivação da demarcação vocabular é a pausa, que “só auxilia a delimitação do vocábulo na circunstância muito relativa de que, de um grupo de força a outro, é preciso se chegar ao fim de um vocábulo para haver pausa.”

Por último, a função distintiva pode ser verificada em pares como *cáqui* e *caqui*, em que os vocábulos possuem significações diferentes e, de acordo com Câmara Júnior (1970, p. 64-5), em um processo gramatical através do qual podemos distinguir alguns padrões morfológicos como *rótulo* (substantivo, proparoxítono) versus *rotulo* (verbo, paroxítono).

3 O ACENTO SEGUNDO GARDE (1972)

Garde (1972) rejeita a tese de que o acento seja considerado um traço distintivo pertencente às vogais, como postulavam Chomsky e Halle (1968). Se assim fosse, o acento deveria funcionar da mesma forma que os demais traços segmentais, ou seja, deveria ser dotado de uma característica capaz de distinguir determinado segmento dos demais existentes em uma língua particular.

Para Garde (1972), a possibilidade de considerar o acento como um traço distintivo pode existir, ainda que esporadicamente, nas línguas cujo sistema acentual pode ser classificado como livre pois, uma vez que ele seja imprevisível quanto ao local da sua fixação na palavra, pode assumir uma função distintiva de modo a criar pares mínimos como os assinalados por Câmara Júnior (1970) como em *cáqui* (cor de poeira) e *caqui* (fruta), *sábua* x *sabua* x *sabiá* etc.

Porém, ainda segundo Garde (1972), em línguas em que o acento é previsível, de modo algum ele pode ser considerado um traço distintivo exatamente por não ser possível a formação de pares mínimos opostos como os que ocorrem em línguas de padrão acentual livre.

Como exemplo de línguas cujo padrão acentual é fixo, Garde (1972) cita o francês, o tcheco e o polonês; o russo e o italiano são exemplos de padrão acentual livre. Para o primeiro tipo de padrão, o autor afirma que o acento é fixado sobre a sílaba inicial (como o tcheco), a penúltima (como o polonês), a final (como o francês) e assim por diante.

Portanto, não importa em que sílaba o acento caia, mas sim que sempre haverá uma delimitação prévia da sílaba, uma unidade fonológica que tem a propriedade de delimitação sem que isso implique considerar “o significado e a segmentação em unidades significativas”. (GARDE, 1972, p. 23)

A sílaba é vista como uma unidade acentuável, mas não é a única, pois, segundo Garde (1972, p. 23),

Contudo, em um pequeno grupo de línguas, a unidade acentuável não é a sílaba, mas a mora. A noção de mora se aplica às línguas nas quais pode haver mudança de acento não apenas de uma sílaba para outra, mas também de uma parte de sílaba para outra. Diz-se que uma mora é toda a parte da sílaba capaz de receber acento por si mesma.

Além das unidades acentuáveis, o autor reconhece também as unidades acentuais, que compreendem um domínio maior que o morfema e menor que a frase, ou seja, algo próximo ao conceito de palavra, mas afirma que nem sempre essa correspondência se verifica. A título de exemplo, Garde (1972, p. 24) cita os pares em francês abaixo:

- a) *Enf'ants, admir'ez, Vers'aïlles*: em que há três palavras – que correspondem a três unidades acentuais – e três acentos possíveis;
- b) *Les enf'ants adm'irent le château de Vers'aïlles*: em que há sete palavras e apenas quatro acentos possíveis.

Garde (1972, p. 24-5) reconhece que há outra unidade significativa além da palavra mas que, na impossibilidade de defini-la, reserva-se apenas a reconhecê-la. Portanto, para Garde há unidades acentuáveis, ou seja, candidatas a portar o acento, que podem ser as sílabas ou as moras; e há unidades acentuais, ou seja, que obrigatoriamente portam o acento e podem ser palavras ou uma unidade ainda maior.

Anos mais tarde, surge a Fonologia Prosódica, que vai se ocupar exatamente dos domínios não explorados por Garde, definindo-os como domínios cujo interior é dotado de proeminências que se definem em outros níveis. Mais à frente, detalharemos a proposta da Fonologia Prosódica a fim de esclarecer melhor essa matéria.

De volta a Garde (1972), esse autor acredita que o acento tem como propriedade a função contrastiva – o contraste é obtido a partir do confronto de pontos sucessivos de uma sequência em um plano sintagmático, diferentemente do que ocorreria se a função fosse distintiva, como pensavam Chomsky e Halle (1968), cujas oposições se verificam em um plano paradigmático.

Explicando melhor a diferença entre essas duas funções, Garde (1972) afirma: no plano paradigmático, podemos verificar oposições distintivas que nos permitem confrontar os segmentos em palavras diferentes, como em *bere*, em que o primeiro segmento é oral, oclusivo, labial e sonoro, em oposição a outras palavras cujo primeiro segmento não possui esses traços, como em *pere, nere, cere, vere*. No plano sintagmático, uma unidade acentuável deve ser escolhida dentre as demais a fim de portar o acento de tal modo que, dentro de uma mesma sequência de sílabas

em uma palavra, uma será acentuada e contrastará com as demais, não acentuadas. O estudo do acento, na visão de Garde (1972, p. 21), deve contemplar:

- a) A delimitação das unidades acentuáveis – sílabas ou mora – por meio de critérios fonológicos;
- b) A delimitação das unidades acentuais – as palavras – em cujo domínio se forma o contraste acentual;
- c) A delimitação do “posto” do acento, ou seja, a determinação do lugar, da sílaba que deve recebê-lo.

Seguidas essas etapas e uma vez fixado o acento em uma determinada palavra, é possível identificar procedimentos acentuais positivos e negativos. Os positivos visam a contribuir para a caracterização de uma sílaba acentuada. Eles se materializam em particularidades fonéticas, via de regra, como a intensidade, a altura e a duração a fim de contrastar a sílaba acentuada com as demais.

Se, por um lado, esse tipo de procedimento acrescenta traços à sílaba acentuada, por outro lado, os negativos os retiram das não acentuadas, também com o propósito de contribuir para a diferenciação entre não acentuadas e acentuadas. Como exemplo de acentuação negativa, podemos citar alguns morfemas átonos portugueses que rejeitam o acento, como *-geno*, *-gero*, *-logo*, *-fero* e tantos outros que inviabilizam a ocorrência da fixação do acento em seu domínio, por isso mesmo são chamados por alguns autores de acento-repelentes (cf. GARDE, 1972).

4 O ACENTO SEGUNDO A CONCEPÇÃO GERATIVISTA

Nas subseções seguintes, vamos abordar o primeiro trabalho de Chomsky e Halle (1968) sobre acento e, em seguida, as propostas de cunho gerativista que o sucederam.

4.1 A Fonologia linear de Chomsky e Halle

O modelo de análise fonético-fonológica proposto por Chomsky e Halle (1968) foi apresentado na obra *The Sound Pattern of English* (SPE), em que os autores afirmam que os falantes de uma determinada língua possuem duas formas distintas de representar o léxico dessa língua: uma representação fonológica, que encerra

informações distintivas e que se situa num nível mais profundo; e uma representação fonética, superficial, que decodifica o sinal da fala e representa a forma como ele se realiza.

Em síntese, os autores afirmam que os itens lexicais gerados pela gramática possuem uma representação mental que sofre os efeitos das regras fonológicas que geralmente mudam essa forma subjacente e a transformam numa forma superficial, ou seja, a forma como a palavra se realiza.

Quanto ao acento, este é concebido como um traço binário que se apresenta como [+ acento] e [- acento] e é aplicado sobre as vogais, que são as unidades fonológicas que podem recebê-lo.

Uma outra característica do modelo de Chomsky e Halle (1968) diz respeito ao fato de o fonema manter uma relação de um para um (relação de bijetividade) com o feixe de traços que o compõe. Portanto, havia impedimento de esses mesmos traços se espriarem para um outro fonema e que, se um determinado fonema sofresse apagamento, com ele também seria apagada toda a matriz de traços que o compunha.

Assim, em uma palavra, a vogal que recebe [+ acento 1] é a vogal portadora da maior proeminência da cadeia que forma essa palavra. Portanto, essa maior proeminência coincide com a atribuição do acento primário. Do mesmo modo, a vogal rotulada como [+ acento 2] é tida como menos proeminente que a principal, porém mais proeminente que o segmento que portar o traço [+ acento 3] e assim por diante.

Segundo Chomsky e Halle (1968), a atribuição acentual ocorre em conformidade com as propriedades cíclicas do acento de forma que o rótulo [+ acento 1] seja aplicado sempre à vogal mais saliente da cadeia em cada ciclo, o que pode provocar um rearranjo na passagem de um ciclo para outro porque em cada um deles a regra de atribuição do acento é reaplicada sucessivamente.

A título de exemplo, consideremos a expressão *pode falar*, abaixo:

1° ciclo:
pode #
 1 2
falar #
 2 1

Nesse contexto, (#) simboliza o limite de cada palavra; o numeral 1 representa a vogal mais proeminente, que porta o acento principal; e 2, a vogal menos proeminente. Na passagem para o segundo ciclo, ocorre o seguinte rearranjo:

2° ciclo:
pode # falar ##
2 3 3 1

Como podemos observar, as vogais detentoras do rótulo 3 são menos proeminentes do que a portadora do rótulo 2, que é menos proeminente que a 1. Um outro exemplo é dado com o par *bola/bolinha*: em

bola #
1 2

a vogal mais proeminente é assinalada com o número 1; mas, se a essa palavra for acrescentado um morfema derivativo, de modo que resulte em *bolinha*, nesse novo ciclo há uma reaplicação da regra acentual de sorte que agora o acento principal recai na vogal *i*, que vai receber a marca [+ acento 1]:

2° ciclo:
bolinha #
2 1 3

Considerando que as informações mapeadas na representação dos padrões acentuais de uma determinada estrutura se relacionam com a estrutura morfo-sintática dessa estrutura, podemos concluir que a atribuição do acento, segundo Chomsky e Halle (1968), é infinita, o que provoca a criação de acentos inexistentes.

Por outro lado, alguns anos mais tarde, a partir dos trabalhos de Clements (1985) e Clements e Hume (1995), que fundamentaram a Geometria dos Traços, os traços distintivos passaram a ser concebidos não mais de forma desorganizada – como o era no modelo de Chomsky e Halle (1968), por exemplo –, mas organizados obedecendo a uma hierarquia, o que permite pensar que eles funcionam isoladamente ou em conjunto.

Ao invés de uma relação bijectiva, os segmentos podem se autossegmentalizar em camadas que funcionam independentemente umas das outras e os traços passaram a ser considerados binários (em termos de presença (+)

ou ausência (-) do traço) ou monovalentes (em que é considerada apenas a presença desse traço).

Comentando sobre o referencial teórico criado por Chomsky e Halle (1968) no que diz respeito ao fato de o acento ser concebido como um traço distintivo pertencente às vogais, Liberman e Prince (1977, p. 262-3) elencam resumidamente as 7 características distintivas do acento tal como concebido em *The Sound Pattern of English* e logo em seguida afirmam o seguinte: “Essas sete características distintivas do tratamento segmental dos padrões de acento por si só não constituem nenhum argumento contra esse tratamento.”

Após essa afirmação, Liberman e Prince (1977) seguem em sua explanação das vantagens que a proposta que apresentam tem em relação à proposta de Chomsky e Halle (1968). Assim sendo, entendemos que o modelo do acento como produto de uma proeminência que se origina da relação entre sílaba, pé e palavra fonológica, portanto, uma proeminência relativa; só que, diferentemente de Chomsky e Halle (1968), sua abordagem não contempla uma atribuição de acento infinita.

4.2 A Fonologia não-linear

Nesta seção, serão apresentados os principais pressupostos com relação ao tratamento do acento das principais escolas fonológicas modernas que têm em comum a não-linearidade das representações.

4.2.1 A Fonologia Métrica

Diferentemente da proposta de Chomsky e Halle (1968), em que a regra de acento primário é aplicada ciclicamente e o acento é considerado uma propriedade da vogal, para a Fonologia Métrica, o acento é uma proeminência obtida através da relação entre sílaba, pé e palavra fonológica – daí o seu caráter relacional. Assim sendo, o acento é uma propriedade da sílaba e, portanto, importa observar a sua organização em pés métricos e admitir que há uma sílaba forte que domina uma fraca. Ao longo dos anos, as idéias postuladas por essa escola foram recebendo adições com o propósito de refiná-la. A seguir, exporemos as contribuições dos seus principais representantes:

4.2.1.1 Liberman e Prince

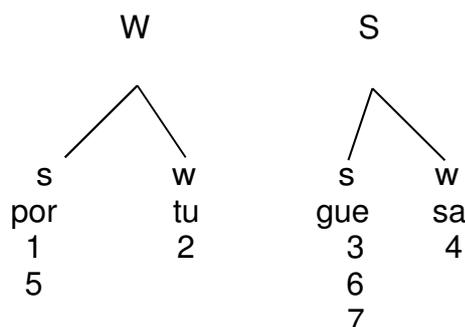
A estruturação da relação entre um elemento proeminente (forte) e um fraco foi primeiro formalizada por Liberman e Prince (1977) em forma de árvore. A árvore possui uma notação binária – e, nesse ponto, a Fonologia Métrica converge com o SPE – em que as sílabas são agrupadas e rotuladas como fortes (*strong* – s) e fracas (*weak* – w). As sílabas, por sua vez, formam os pés, também binários, até chegar ao constituinte mais alto na hierarquia, que é a palavra.

Além da estrutura arbórea, Liberman e Prince (1977) afirmam ser possível representar a estrutura interna (e o acento) da palavra através de uma grade métrica que é regulada por meio da formulação de uma regra:

O elemento designado terminal do subconstituente forte é metricamente mais forte do que o elemento terminal do subconstituente fraco, em um constituinte no qual se configure uma relação forte/fraco (LIBERMAN; PRINCE, 1977, p. 316).

A hierarquia métrica é motivada pela Regra de Projeção de Proeminência Relativa (RPPR), referida acima, uma condição de boa formação que se caracteriza pela numeração dos núcleos silábicos em diferentes linhas. Essa numeração é feita para línguas cujo padrão acentual se assemelha ao de línguas como o português e o inglês, ou seja, línguas de recursividade à direita, da esquerda para a direita, sendo que na primeira linha todos os núcleos silábicos recebem um número; diferentemente, na segunda linha a numeração só contempla as sílabas mais proeminentes; ao passo que, na terceira, somente o núcleo silábico mais proeminente da palavra recebe um número.

A partir dessa numeração, formam-se colunas, sendo que a mais extensa delas representa o acento primário. Observe um exemplo utilizando ainda a palavra *portuguesa*:



A coluna mais extensa no exemplo acima é a constituída pelos números 3, 6, 7, portanto, sobre a sílaba *gue* repousa o acento primário. Sobre a segunda maior coluna, constituída pelos números 1 e 5, se situa o acento secundário. As colunas representadas pelos números 2 e 4 representam a ausência de proeminência ou, em outras palavras, representam as sílabas *tu* e *sa*, que são átonas.

Uma grande vantagem da grade métrica é que ela reflete o “ritmo de uma seqüência de elementos prosódicos” (MATZENAUER, 2005, p. 72), o que facilita a solução dos choques acentuais. Liberman e Prince (1977, p. 314) assim conceituam o choque acentual: “Dois elementos adjacentes estão metricamente em choque se sua contraparte é adjacente um nível abaixo”. O “choque” é indesejável, segundo Liberman e Prince (1977), porque compromete a alternância perfeita do ritmo, daí o motivo de as línguas naturais evitarem-no por meio de uma alteração rítmica.

Contudo, a restrição que os estudiosos fazem acerca da proposta de Liberman e Prince (1977) de representar a hierarquização do acento por meio de uma estrutura arbórea e de uma grade métrica é que a árvore não demonstra qual é o constituinte mais proeminente em uma determinada seqüência de constituintes métricos, apesar de demonstrar as relações de proeminência entre estes. Por outro lado, a grade exerce uma função exatamente oposta à da árvore.

A partir das críticas ao trabalho de Liberman e Prince (1977), os trabalhos que os sucederam optaram por um modelo ou outro. Assim é que Kiparsky (1979) e Hayes (1981), por exemplo, optaram pela representação arbórea, ao passo que Selkirk (1980) e Prince (1983) optaram pela representação em forma de grade.

4.2.1.2 Prince

Prince (1983) introduziu marcas horizontais do tipo (x) para representar todos os elementos aptos a alojar o acento – essas marcas devem contrastar com as verticais, que representam um nível maior de proeminência. Assim, a função das marcas horizontais é representar a organização rítmica, ao passo que as verticais devem representar o grau de acento de cada sílaba da palavra.

O objetivo final do modelo é apresentar uma grade perfeita e, para alcançar esse objetivo, Prince (1983) introduziu os recursos de apagamento e inserção de

marca, além de “mova-x”, que é um dispositivo acionado sempre que houver choque acentual, e de dois parâmetros que serão comentados abaixo.

Segundo Prince (1983, p. 33), “mova-x é um tipo de reajuste mínimo da configuração da grade (...) é um candidato natural a se considerar para o mecanismo formal de ajustes rítmicos”. Assim sendo, sempre que uma marca estiver em posição de choque dentro de seu nível, ela será movida para “a primeira posição que ela legitimamente puder ocupar” (PRINCE, 1983, p. 33).

A título de exemplo, observemos a palavra café na grade:

```

      x
     x x
    ca fé
    
```

A coluna vertical simboliza a sílaba portadora do acento *fé*. Ao receber o diminutivo *-zinho*, a nova palavra terá a alternância perfeita do ritmo comprometida, como podemos ver abaixo:

```

           x
          x x
         x x x x
        ca fe zi nho
    
```

Os constituintes *fé* e *zi* são metricamente adjacentes porque se situam no mesmo nível e porque não há nenhum outro constituinte nesse mesmo nível intervindo entre eles (PRINCE, 1983). O resultado é que a alternância entre um constituinte forte e um fraco é quebrada. Para desfazer o choque e promover o ajuste rítmico, Prince (1983) sugere a aplicação da regra *mova-x* da seguinte maneira:

```

           x
          x x
         x x x x
        ca fe zi nho
    
```

Assim, está restabelecida a alternância perfeita do ritmo e é possível visualizar a posição mais alta dentre as marcas sequenciais, a qual recebe o nome de regra final.

Sobre os parâmetros mencionados acima, eles orientam a direção na qual a marcação deve ser iniciada – se da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda – e se essa marcação se iniciará com uma sílaba forte (*peak - pico*) ou com uma sílaba fraca (*through – ausência de pico*).

A partir desses princípios, autores como Halle e Vergnaud (1987) elaboraram suas propostas com o intuito de refinar a teoria.

4.2.1.3 Halle e Vergnaud

Ao proporem um dos modelos mais bem-sucedidos dentro da Fonologia Métrica, Halle e Vergnaud (1987) introduzem na grade a figura dos parênteses a fim de marcar os limites dos constituintes, enquanto os asteriscos substituem os algarismos.

Para a construção da grade métrica, Halle e Vergnaud prescrevem a construção de um algoritmo dotado de parâmetros como a direção de construção, que pode ser da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita; o tamanho dos constituintes, que podem ser ilimitados (a sequência inteira equivale a um único constituinte), binários ou ternários; e a posição do cabeça (o elemento com maior proeminência na sequência), que se situa à direita ou esquerda.

Segundo esse modelo, a representação da estrutura dos constituintes é feita nas linhas 0, 1 e 2 da grade: em 0, visualizamos a formação dos constituintes, sendo que cada elemento apto a portar o acento é assinalado por um asterisco (*); em 1, apenas os elementos mais proeminentes são assinalados por um asterisco, enquanto que o elemento que não porta acento é assinalado por um ponto (.); e, na linha 2, apenas o elemento mais forte de toda a sequência é que recebe representação por meio de um asterisco.

A título de exemplo, consideremos a grade métrica parentetizada da palavra *portuguesa*, de acordo com o modelo proposto por Halle e Vergnaud (1987):

(*)	linha 2	
(*	.	*	.)	linha 1
(*	*	*	*)	linha 0
Por tu gue sa				

Além dos parâmetros acima, o modelo de Halle e Vergnaud (1987) também abriga noções como a extrametricidade, o peso silábico, a condição de recuperabilidade, a condição de exaustividade, a condição de maximalidade e a condição de fidelidade.

O peso silábico é uma noção importante na medida em que consegue explicar que o acento – em muitas línguas naturais – é sensível ao peso das sílabas portadoras de rima ramificada. A sílaba pesada predetermina, nas línguas sensíveis ao peso, uma marcação de asterisco na linha 1 – em outras palavras, se a sílaba for formada por uma rima ramificada, ela é candidata natural a alojar o acento, por isso deve receber uma marcação de asterisco no nível 1.

A condição de recuperabilidade diz respeito à transparência da estrutura dos constituintes métricos de tal modo que seja possível recuperar a localização dos seus limites partindo-se da localização do cabeça da sequência e o inverso também é verdadeiro.

A condição de exaustividade obriga que todas as marcas na grade situem-se dentro de constituintes; portanto, ao postular que a construção da estrutura métrica seja sempre exaustiva, o modelo de Halle e Vergnaud (1987) precisa lidar com a criação de acentos secundários inexistentes – em casos de línguas com um único acento. Os acentos não desejados são eliminados por meio de um recurso chamado *conflation line*, que apaga as marcas da linha inferior que não possuem marcas correspondentes na linha superior.

A condição de maximalidade, conforme o nome sugere, estipula o número máximo de elementos que os constituintes métricos devem ter. Por fim, a condição de fidelidade opera na linha 1 a fim de garantir que os limites dos constituintes métricos não licenciados a projetar um cabeça sejam apagados.

4.2.1.4 Hayes

A proposta de Hayes (1995) faz uso de recursos como a extrametricidade – que já vinha sendo utilizada pelos modelos anteriores – e também inclui idéias inovadoras como a que limita a apenas 3 os tipos de sistemas de acento. A subteoria da extrametricidade foi primeiro proposta por Liberman e Prince (1977) e seguida por diversos autores, dentre os quais Hayes (1995, p. 57), que assim a define:

Uma regra de extrametricidade designa um constituinte prosódico particular como invisível para os propósitos de aplicação da regra: as regras analisam a forma [o constituinte prosódico particular] como se essa entidade extramétrica não existisse.

Uma vez invisível, essa entidade se torna extraviada permitindo assim que a palavra prosódica possa ser ajustada ao domínio das regras gerais que fazem referência ao acento com o fito de garantir uma generalização. Feito esse ajuste ao domínio das regras gerais e uma vez aplicadas as regras gerais referentes à atribuição do acento, é invocada a Regra de Adjunção da Sílabas Perdida (ASP), que incorpora a entidade extraviada ao pé métrico final da palavra prosódica. A título de exemplo, podemos considerar a palavra *câmara*, como visto abaixo:

Extrametricidade: sílaba

câ ma ra

<ra>

(* .)

(FCP)

(* . .)

(*)

[kamara]

silabação

extrametricidade: sílaba

formação de constituintes prosódicos

regra de adjunção da sílaba perdida (ASP)

regra final

saída

Em PB, o diacrítico que marca o elemento extramétrico incide sempre sobre as classes consideradas minoritárias, para o caso de não-verbos, como podemos ver em propostas como a de Bisol (1992b, p. 71), para quem a extrametricidade deve ser marcada sobre:

- a) palavras com acento na terceira sílaba;
- b) palavras terminadas em consoante ou ditongo com acento não final.

Por outro lado, há a proposta de Lee (1995, p. 157), que postula como elemento extramétrico o marcador de palavra no nível α , para os não-verbos. Há também a proposta de Massini-Cagliari (1995, p. 174), para quem a extrametricidade incide sobre segmentos e sílabas.

Se a classe a ser considerada for o verbo, o elemento extramétrico poderá diferir do verificado em não-verbos, mas cremos não ser necessário nos alongarmos nesse assunto, pois nosso propósito aqui é apenas exemplificar a extrametricidade no PB. Voltemos à explanação de Hayes (1995) sobre essa subteoria. De acordo com Hayes (1995, p. 57), a extrametricidade deve ser usada sob certas condições, as quais descreveremos abaixo:

- a) a extrametricidade só pode ser atribuída a afixo, segmento, sílaba, pé e palavra fonológica – a essa propriedade, Hayes chama de *Constituency*;
- b) um constituinte precisa atender a restrição relativa à perifericidade, segundo a qual esse constituinte deve estar situado na borda direita ou na esquerda do domínio. De acordo com o autor, se em algum ciclo o elemento marcado com o diacrítico da extrametricidade perder a condição de periférico, também perderá a condição de extramétrico;
- c) uma das condições para que um constituinte seja extramétrico é que ele deve se localizar em uma posição não-marcada que, segundo Hayes, é a borda direita. Há a possibilidade de aplicação na borda esquerda, em casos de línguas com recursividade à esquerda, mas estes são raríssimos e considerados pelo autor como marcados;
- d) a extrametricidade não pode ser aplicada ao domínio por inteiro, portanto, ela não é aplicada até a exaustão.

No que diz respeito aos três tipos de sistemas de acento, Hayes (1995) os distingue tomando por base a sensibilidade ao peso silábico, que limita a criação de sistemas inexistentes. Segundo o autor, há sistemas sensíveis ao peso silábico – nesse caso, os seus constituintes, binários, formam um cabeça à esquerda (troqueu moraico) ou um cabeça à direita (iambo); e há um sistema insensível ao peso – nesse caso, seus constituintes, binários, também formam um cabeça à esquerda (troqueu silábico).

Cada um desses tipos é designado por Hayes (1995) segundo a nomenclatura latina, que a eles se referia como troqueu moraico, troqueu silábico e iambo respectivamente. O troqueu moraico é sensível ao peso silábico e, nesse caso, importa a estrutura interna da sílaba, que pode ser leve – nesse caso, ela tem apenas uma unidade de tempo, ou seja, ela tem apenas uma mora – e pode ser pesada – nesse caso, ela contém duas moras e está apta a formar sozinha um pé.

Hayes (1995) representa o pé troqueu moraico das seguintes maneiras:

(x̣ .) ou (x̣)

A primeira opção representa um pé formado por 2 sílabas leves, enquanto que a segunda é a representação de uma sílaba pesada, portanto, bimórica.

O troqueu silábico, insensível ao peso das sílabas, é formado essencialmente por um pé dissilábico cuja proeminência se situa à esquerda. Sua representação corresponde à seguinte figura:

$$\begin{matrix} (x \ .) \\ \sigma \sigma \end{matrix}$$

Por último, o iambo se distingue dos sistemas anteriores por ser formado preferencialmente por uma sílaba leve mais uma sílaba pesada, o que indica que sua proeminência se situa à direita, portanto, o elemento final é o mais forte. Sua representação corresponde à figura abaixo:

$$(\ . \ x) \text{ ou } (x \ _)$$

Esses 3 tipos de pé relacionam-se ao que o autor chama de lei iâmbico-trocaica reproduzida abaixo (veja HAYES, 1995, p. 80):

- a) elementos que contrastam em intensidade naturalmente formam agrupamentos com proeminência inicial;
- b) elementos que contrastam em duração naturalmente formam agrupamentos com proeminência final.

Pés que não se enquadram no perfil descrito na lei citada acima são rotulados por Hayes (1995) como pés irregulares e pés degenerados. Os primeiros dão origem ao que o autor chama de troqueu irregular, que se caracteriza por ser sensível ao peso silábico e de cabeça à esquerda – tal como o troqueu moraico –, constituído de uma estrutura desarmoniosa por possuir três moras, sendo as duas primeiras localizadas na sílaba à esquerda, pesada, e a última localizada na sílaba à direita. Portanto, o troqueu irregular constrói constituintes dotados de elementos em quantidade acima do esperado. Hayes (1995, p. 76) assim representa a sua estrutura:

$$\begin{matrix} \text{Troqueu irregular: } (x \ .) \\ \sigma \ \sim \end{matrix}$$

O exemplo acima é o que podemos chamar de exemplo clássico, pois evidencia claramente a irregularidade do pé com os seus lados desiguais. Contudo,

além desse tipo, o troqueu irregular também se apresenta como um pé formado por duas sílabas leves, como em

(˘)

ou por uma única sílaba pesada, como em

(x)

σ

Uma questão que pode ser levantada é como designar um tipo de pé formado por duas sílabas leves de troqueu irregular porque estas apresentam uma regularidade nas duas extremidades do pé, enquanto que a condição para que o pé seja denominado irregular é que suas extremidades apresentem partes desiguais. Logo, não há diferenças evidentes entre o troqueu irregular e o moraicó.

Além dos irregulares, Hayes (1995) também propõe o pé degenerado, caracterizado por formar um pé com apenas um elemento métrico. Como exemplo de palavras formadas por apenas um elemento métrico, podemos citar a própria palavra 'pé', além de 'pá', 'pó', 'chá' etc. Observe que esses monossílabos acentuados possuem apenas uma mora, portanto, são exemplos de pés degenerados.

Contudo, Hayes (1995) observa que nem todas as línguas naturais aceitam pés degenerados e o autor assim descreve o Parâmetro do Pé Degenerado:

- a) proibição forte: absolutamente proibido;
- b) proibição fraca: são permitidos somente em posição forte, somente quando são dominados por outra marca na grade (HAYES, 1995, p. 86).

As restrições aos pés degenerados estão relacionadas à noção de palavra mínima, que exige que a estrutura mínima de uma palavra conte com duas sílabas ou duas moras no pé. Entretanto, o próprio Hayes (1995) admite que apenas os nomes, verbos e adjetivos estão sujeitos ao molde da palavra mínima.

A noção de iteratividade é também um dos itens que compõem os parâmetros do modelo proposto por Hayes (1995). Há línguas que são não-iterativas, ou seja, constroem apenas um pé, e o resultado é que essas línguas só admitem um acento por palavra. Diferentemente, há línguas como o português em que a construção de pés é iterativa, portanto, constroem quantos pés forem possíveis, o que dá origem a acentos secundários.

A construção de todos os pés de uma palavra dá origem a um novo constituinte no topo da grade, ou seja, representa a maior proeminência dessa palavra, proeminência essa que pode se localizar na borda mais à esquerda ou mais à direita. A esse processo de direcionalidade do cabeça de pé, Hayes (1995) chama de regra final.

O ato de separar as sílabas de uma palavra com o fito de formar pés chama-se escansão. Se a escansão dos pés precede a atribuição do acento primário, esse tipo de construção de grade recebe o nome de *bottom-up* (ou seja, de baixo para cima). Por outro lado, se o processo se inicia em cima, com a atribuição do acento primário, para depois construírem-se os pés, recebe o nome de *top-down* (ou seja, de cima para baixo). De acordo com Hayes (1991), a construção de cima para baixo não resulta da estrutura dos pés, mas sim do fato de o acento lexical ter sua posição marcada desde a forma subjacente. Portanto, a Fonologia Métrica permite assumir que o acento primário é primário, ou seja, não é previsível.

Para Hayes (1995), a construção da grade métrica deve obedecer a determinados parâmetros, como vimos nesta seção, os quais serão apresentados de forma resumida abaixo:

- a) construção de pés: troqueu silábico (insensível ao peso silábico), troqueumoraico (sensível ao peso silábico) e iambo;
- b) direção da segmentação: da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita;
- c) localização da regra final: à direita ou à esquerda;
- d) tipo de segmentação: iterativa (constroem-se quantos pés forem possíveis) ou não-iterativa (constrói-se um pé e pára-se);
- e) modo de construção da grade: de cima para baixo (*top-down*) ou de baixo para cima (*bottom-up*);
- f) modo de construção da grade: de cima para baixo (*top-down*) ou de baixo para cima (*bottom-up*);
- g) modo de construção da grade: de cima para baixo (*top-down*) ou de baixo para cima (*bottom-up*).

Na próxima seção, teceremos algumas considerações sobre a Fonologia Lexical mesmo sabendo que esta não é uma teoria do acento. Entretanto,

sentimo-nos motivados a considerá-la porque, mais adiante, apreciaremos as abordagens de Bisol (1992b) e de Lee (1995), que utilizam essa teoria a fim de explicar a formação das palavras nos estratos lexicais.

5 A FONOLOGIA LEXICAL

A Fonologia Lexical concebe a estrutura do léxico como um conjunto de estratos ordenados (MOHANAN, 1982) que se configuram como os domínios de regras morfológicas (lexicais) e, à saída destas, de regras fonológicas (pós-lexicais); portanto, os componentes da morfologia e também da fonologia compartilham os mesmos domínios.

As regras fonológicas, por sua vez, dividem-se em dois grupos:

- a) as regras lexicais, que são aplicadas sempre antes das regras pós-lexicais. Caracterizam-se por serem cíclicas, por atenderem ao Princípio de Preservação da Estrutura, por admitirem exceções e por poderem se referir à estrutura interna das palavras. Segundo Kaisse e Shaw (1985), as regras lexicais são cíclicas por natureza e sucedem cada um dos processos morfológicos.
- b) as regras pós-lexicais, de acordo com Kaisse e Shaw (1985), são caracterizadas pela ausência das propriedades pertencentes às regras lexicais. Elas desconhecem a ciclicidade estrita e se submetem à ordem conjuntiva, ao contrário das regras lexicais, que se submetem à ordem disjuntiva.

A Fonologia Lexical é orientada por princípios e condições que serão citados de forma breve abaixo:

- a) Princípio de Preservação da Estrutura: é um importante recurso da Fonologia Lexical porque determina o estabelecimento de um elo de fidelidade entre as regras que fazem referência à formação de palavras e o sistema fonológico da língua. Borowsky (1986, p. 29) assim descreve esse princípio: “As regras lexicais não podem marcar características que não sejam distintivas, nem criar estruturas que não estejam de acordo com os modelos prosódicos básicos da linguagem (i. e., modelo de sílaba e pé).”
- b) Condição de Ciclo Estrito: divide-se em duas cláusulas importantes, sendo

a primeira “a) Regras cíclicas se aplicam apenas a representação derivada.” E a segunda “Uma representação Φ é derivada em relação à regra R em ciclo J se Φ cumpre a análise estrutural de R em virtude de uma combinação de morfemas introduzidos no ciclo J ou a aplicação de uma regra fonológica no ciclo J” (KIPARSKY, 1982, p. 154).

Em outras palavras, as regras lexicais se caracterizam pela ciclicidade estrita e são restritas apenas a ambientes derivados.

Há outros princípios da Fonologia Lexical, mas que não serão mencionados aqui porque não temos o objetivo de detalhar a teoria, mas sim apresentar seus princípios gerais, uma vez que esse modelo de análise é amplamente utilizado nos estudos modernos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar ao leitor um panorama acerca das descrições do acento fonológico segundo o aparato teórico das principais escolas fonológicas modernas e aplicamos essas teorias a exemplos de palavras do português brasileiro.

Iniciamos descrevendo as três hipóteses da aplicação do acento do PB e em seguida suas propriedades. Na sequência, apresentamos um resumo das principais teorias que tratam do acento no mundo: iniciamos com o trabalho de Garde (1972), um dos primeiros estudiosos do fenômeno acentual no mundo; logo em seguida, apresentamos a abordagem gerativista do acento, a partir dos estudos de Chomsky e Halle até chegar à Fonologia Lexical.

Nosso trabalho é descritivo e não exaustivo, escrito em uma linguagem acessível ao leitor iniciante no tema do acento, fornecendo-lhe uma visão introdutória e panorâmica do fenômeno em tela, empregando uma didática que facilita sua leitura e o remete à leitura dos grandes clássicos dessa disciplina.

REFERÊNCIAS

BISOL, Leda. **O Acento e o Pé Métrico Binário**. Campinas: UNICAMP/Cadernos de Estudos Lingüísticos, 1992a.

BISOL, Leda. **O acento**: duas alternativas de análise. Porto Alegre: PUCRS, 1992b.

BISOL, Leda. **O Acento e o Pé Métrico Binário**. Porto Alegre: Letras de Hoje, 1994.

BOROWSKY, Toni. **Topics in The Lexical Phonology of English**. 1986. Tese (doutorado) – University of Massachusetts, Amherst, 1986.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, George N. **The Geometry of Phonological Features**. Phonology Yearbook, Londres, n. 2, p. 225-252, 1985.

CLEMENTS, G. N.; HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John. (org.) **The Handbook of Phonological Theory**. Londres: Blackwell, 1995.

FERREIRA NETO, Waldemar. **Introdução à Fonologia da Língua Portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

FERREIRA NETO, Waldemar. O Acento na Língua Portuguesa. In: **O Acento em Português**: Abordagens Fonológicas. ARAÚJO, Gabriel Antunes de. (Org.) São Paulo: Parábola, 2007.

GARDE, Paul. **Introduzione ad una Teoria dell'Accento**. Roma: Officina Edizione, 1972.

HALLE, Morris; VERGNAUD, J. R. **An Essay on Stress**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1987.

HAYES, Bruce. **A Metrical Theory of Stress Rules**. New York/London: Garland Publishing, 1981.

HAYES, Bruce. **Metrical Stress Theory**: Principles and Case Studies. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

KAISSE, Ellen M; SHAW, Patricia A. On The Theory of Lexical Phonology. In: **Phonology** 2. p. 1-36. 1985.

KIPARSKY, Paul. Metrical Structure Assignment is Cyclic. **Linguistic Inquiry**. Cambridge, Mass., n. 10, p. 421-441. 1979.

KIPARSKY, Paul. **Catalexis**. Palo Alto: Stanford University, 1982.

LEE, Seung Hwa. **Morfologia e Fonologia Lexical do Português**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). UNICAMPA, Campinas, 1995.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. On Stress and Linguistic Rhythm. **Linguistic Inquiry** 8, p. 249-336. 1977.

MAGALHÃES, José Suely. **O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade**. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Sobre o Lugar do Acento de Palavra em uma Teoria Fonológica. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; WETZELS, W. Leo. (Orgs.) **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. n. 23. Campinas: UNICAMP/IEL, Jul/Dez 1992.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Aspectos da Fonologia Portuguesa**. 2. ed. Lisboa: INIC, 1982.

MATZENAUER, Carmem Hernandorena. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda. **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

MICHAELIS de VASCONCELOS, C. **Lições de Filologia Portuguesa segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13**. Lisboa: Martins Fontes, s/d.

MOHANAN, K. P. **Lexical Phonology**. Tese (doutorado PhD). MIT, Cambridge, 1982.

PRINCE, Alan. Relating to the Grid. **Linguistic Inquiry**. Cambridge, Mass. Vol. 14. n. 01. 19-100. 1983.

SELKIRK, Elizabeth. **On Prosodic Structure and its Relation to Syntax Structure**. Bloomington, IULC, 1980.

TRUBETZKOY, Nikolai Sergueievich. **Principios de Fonología**. Madrid: Editora Cincel, 1970.

VAN OOSTENDORP, Mark. **Variation in Generative Grammar**. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, 2005.